

# Sartre foi pedra e faz oitentas anos que *O Ser e o Nada* acerta nossa vidraça

Sartre was a rock, and eighty years ago  
Being and nothingness hit our window pane

**Thiago Rodrigues**

<https://orcid.org/0000-0001-6434-4564> – E-mail: thiago\_rodrigues@usp.br

## RESUMO

Este breve ensaio busca, despretensiosamente, ressaltar a atualidade de algumas das questões centrais da obra *O Ser e o Nada* de Jean-Paul Sartre, visando, assim, contribuir para amplificar o alcance das ideias do filósofo francês. Sem temer a controvérsia, apresenta a correlação entre o conceito de liberdade e a responsabilidade necessariamente implicada. Tais conceitos lembram que esta obra é atual, pois exige assumir seus desdobramentos políticos e éticos como exigências incontornáveis. O debate se constrói, então, através dos encontros de Sartre com seus pares, frisando as interlocuções e as polêmicas divergências que marcam seu itinerário. Finalmente, a atualidade da obra parece residir no fracasso histórico do projeto humanista, isto é, *O Ser e o Nada* continua atual, pois ainda somos incapazes de promover uma situação histórica em que o ser humano seja livre.

**Palavras-chave:** Existencialismo. Jean-Paul Sartre. Liberdade. *O Ser e o Nada*. Responsabilidade.

## ABSTRACT

This brief essay unpretentiously seeks to highlight the relevance of some of the central questions in Jean-Paul Sartre's *Being and Nothingness*, thus aiming to contribute to broadening the scope of the French philosopher's ideas. Without fearing controversy, it presents the correlation between the concept of freedom and the responsibility necessarily implied. Such concepts remind us that this work is current, for it demands to assume its political and ethical unfoldings

as unavoidable demands. The debate is built, then, through Sartre's encounters with his peers, highlighting the interlocutions and controversial divergences that mark his itinerary. Finally, the timeliness of the work seems to reside in the historical failure of the humanist project, that is, Being and Nothingness continues to be current, because we are still incapable of promoting a historical situation in which the human being is free.

**Keywords:** Being and Nothingness. Existentialism. Freedom. Jean-Paul Sartre. Responsibility.

*Em pedra grande a gente pisa com o pé descalço  
não sente nada.  
Mas quando se atira uma pedra (pedrinha)  
é sempre pedrada*

## Liberdade e reponsabilidade

"Triste a geração que não teve um mestre", comenta Gilles Deleuze ao homenagear o seu. Ao contrário daquele que professa, o mestre incomoda, é o espinho que pica o dedo e que não o deixa escrever o que quer. Jean-Paul Sartre foi espinho, mas muito mais do que isso, o pai do existencialismo francês foi a pedra incontornável no sapato do século XX. É a presença da ausência dessa pedra que, ainda hoje, nos tira o ar. "É o destino desse autor trazer ar puro quando ele fala, mesmo que seja difícil respirar esse ar puro, o ar das ausências" (DELEUZE, 2006, p. 95), testemunha seu discípulo.

Há oitenta anos *O ser e o nada* (1943), *chef d'œuvre*, importuna seus discípulos e leitores, isto é, em 1943 Sartre escreve uma obra que continua a exigir respostas. Não se lê o célebre *Ensaio de ontologia fenomenológica* impunemente, goste ou não. A pergunta que essa efeméride impõe é: por que esse livro continua a requerer o engajamento dos seus leitores? Por que, diante de tal obra, é impossível ficar indiferente? Certa vez o filósofo afirmou, para o horror de muitos, que a França nunca havia sido tão livre quanto durante a ocupação nazista (SARTRE, 2014, p. 1), pois, numa situação limite, a escolha se impõe e se evidencia. Ou se é resistência ou se é colaboracionista. Sartre, mesmo quando errou, nunca se absteve de se posicionar. Uma hipótese de resposta é a constatação de que vivemos uma situação limite: a indiferença ainda é uma escolha mesmo quando o autoextermínio da espécie bate à porta. Em termos sartrianos, não escolher é, também, uma escolha.

Sartre nos lembra que é preciso atirar a pedra na vidraça dessa dissimulação coletiva que tenta esquecer que a barbárie tem a face humana, e que a miséria é resultado das nossas escolhas. No entanto, e por isso mesmo, muito mais do que o filósofo da liberdade, Sartre é o filósofo da responsabilidade. Sua filosofia incomoda, dentre outros motivos, porque contradita as relações movidas pela satisfação imediata dos desejos mediados pelo espaço virtual. *O ser e o nada* traduz em termos filosóficos a exigência de assumir nossa responsabilidade como correlato da liberdade.

Em sua última grande obra, *O idiota da família* (1971), ainda reverbera imperioso o *Ensaio de ontologia fenomenológica* e sua psicanálise existencial. Não é outro o sentido da indagação que o filósofo se impõe ao tratar da incontornável peça de Sófocles: "Édipo não quis matar o pai nem fornicar com a mãe. Isso deverá impedi-lo de furar os olhos e pagar pelo crime?" (SARTRE, 1971, Vol. II, p. 1914). Noutros termos: estamos condenados à liberdade porque responsáveis.

Aqui, com o perdão pelo jargão existencialista, Sartre lembra que a consciência pré-reflexiva não pode servir de pretexto para fugir às nossas responsabilidades. Muito mais do que culpados somos os responsáveis pela barbárie, é necessário lembrar sempre. Num breve desvio, é justo rememorar as palavras de Jeanne Marie Gagnebin que, como Sartre, representa a excelência na arte do ensaio: “os homens não são animais tão específicos porque possuem uma memória: mas somente porque se esforçam em não esquecer” (GAGNEBIN, 2014, p. 192). Os ventos sartrianos nos lembram que é sempre preciso um esforço para não esquecer dos nossos mortos, e chamar as coisas pelos nomes, o nazismo foi um holocausto causado por escolhas humanas, a ditadura deixou milhares de mortos e desaparecidos, o mal é sempre uma possibilidade de escolha. Recusar essa responsabilidade significa esquecer que a história depende das ações humanas.

## A arte do encontro

No ano em que a obra prima de Sartre, *O ser e o nada*, completa 80 anos, este breve ensaio persegue a pergunta pela atualidade do livro e das ideias ali defendidas. Espécie de Immanuel Kant francês do século XX pela relevância e pelo alcance do seu pensamento, o filósofo exige que seus interlocutores se posicionem em relação às suas ideias e ações. Sartre foi um dos últimos e talvez aquele que levou mais a sério a figura do intelectual engajado. A necessidade de se posicionar frente à situação e às contingências históricas marca seu itinerário. Assim, todo intelectual depois de Sartre terá de responder à pergunta sobre o compromisso com a história. Não é difícil perceber as implicações filosóficas e políticas de tal posição.

Seja para concordar seja para recusar, como faz Michel Foucault, por exemplo, a figura de Sartre se impõe. Não por acaso Foucault afirmará que Sartre é um filósofo do século XX pensando com categorias do século XIX: elege-se um inimigo por sua importância, não por desprezá-lo. Nas palavras do mestre da suspeita, em livre tradução: “*A crítica da razão dialética* (1960) é o magnífico e patético esforço de um homem do século XIX para pensar o século XX. Nesse sentido, Sartre é o último hegeliano, e diria mesmo o último marxista” (FOUCAULT, 1994, p. 541-542)<sup>1</sup>. No entanto, Foucault esquece<sup>2</sup> que as categorias da tradição mobilizadas por Sartre são ressignificadas; afinal, como quer Deleuze, não trataria a filosofia justamente de criar e ressignificar conceitos? Liberdade para Sartre tem um significado muito diferente daquele expresso pelos iluministas franceses, para ficar num exemplo apenas. Sartre antecipa a discussão sobre a constituição da subjetividade já em sua obra de estreia, *A transcendência do ego* (1936). Ao divergir de Edmund Husserl, um de seus mestres, o filósofo recusará a ideia de um Ego transcendental, pois, para Sartre, a identidade se constitui sempre externamente. Esse simulacro que é o Ego é sempre constituído em situação, no mundo, na história e, como defende o mestre existencialista em *O ser e o nada*, no encontro concreto com o outro (SARTRE, 1997, p. 451ss). Nesse sentido, Sartre antecipa alguns de seus herdeiros, como o próprio Foucault e Jacques Lacan, ao contestar a ideia de um “Eu” como princípio necessário ao pensamento. Nada mais distante das categorias do século XIX.

Por falar em Lacan, no *hall* dos herdeiros de Sartre, o autor será mais simpático que Foucault ao admitir sua dívida com o mestre. Diz o psicanalista francês responsável por afirmar que o inconsciente se estrutura como linguagem:

<sup>1</sup> No original: “La Critique de la Raison Dialectique, c’est le magnifique et pathétique effort d’un homme du XIXe siècle pour penser le XXe siècle. En ce sens, Sartre est le dernier hégélien, et je dirai même le dernier marxiste”.

<sup>2</sup> Ou força a tinta propositalmente?

Não posso deixar de me referir ao autor que descreveu o jogo da intersubjetividade de uma maneira magistral, Jean-Paul Sartre. [...] Toda a fenomenologia da vergonha, do pudor, do prestígio, do medo particular engendrado pelo olhar, está em Sartre admiravelmente descrita, e eu os aconselho a se reportar a isso em sua obra. É uma leitura essencial para um analista. [...] Sartre (dá) da fenomenologia da relação amorosa uma estruturação que me parece irrefutável. [...] É preciso que vocês façam um pouco de esforço, e se reportem a *O ser e o nada* (LACAN *apud* PERDIGÃO, 1995, p. 137).

Lacan claramente reconhece a dívida que alguns dos detratores de Sartre parecem querer apagar. Sua filosofia é atual, também, porque lembra que somos seres históricos e que nos constituímos sempre no encontro com o outro.

Por falar em encontro, Deleuze, em sua homenagem ao mestre, destaca que dentre os pares de Sartre, Maurice Merleau-Ponty com uma obra brilhante e profunda, adotava uma abordagem professoral, distante do vigor e influência de Sartre (DELEUZE, 2006, p. 92). Por isso, longe de ser um rival, Merleau-Ponty configurava-se como um interlocutor privilegiado, fortemente influenciado pelo pensamento existencialista de Sartre, embora também fosse influência constante nele. O existencialismo sartriano, porém, ri daqueles que agendam seus encontros com hora marcada, pois “as pessoas que marcam encontros exatos são as mesmas que precisam de papel pautado para escrever ou que apertam de baixo para cima o tubo da pasta de dentes” (CORTAZAR, 2019, p. 13). Em suma, não dá para ficar indiferente à figura e à obra do mestre francês. “Assim se distinguiam um existencialismo duro e penetrante e um existencialismo mais brando, mais reservado” (DELEUZE, 2006, p. 92), sintetiza Deleuze sobre o existencialismo de Sartre e a versão comedida de Merleau-Ponty.

Quanto ao nazista Martin Heidegger – é preciso chamar as coisas pelos nomes –, Deleuze é certo, quase sartriano na provocação: “Agora já sabemos melhor que as relações de Sartre com Heidegger, sua dependência de Heidegger, eram falsos problemas que se apoiavam em mal-entendidos. O que nos tocava em *O ser e o nada* era unicamente sartriano e dava a envergadura da contribuição de Sartre” (DELEUZE, 2006, p. 94). Deleuze explicita para aqueles que, por não compreenderem Sartre, o reduzem à uma cópia do filósofo alemão. Longe do distanciamento asséptico do autor de *Ser e tempo* (1927), Sartre esteve de mãos dadas com Foucault nas ruas em maio de 1968 e sempre que foi preciso. As divergências intelectuais nunca impediram esse encontro, pois muito maior que as diferenças teóricas é a luta contra a barbárie. É preciso lembrar que Heidegger nunca se retratou acerca do seu envolvimento com o partido nazista<sup>3</sup>, mesmo que não houvessem faltado oportunidades.

Nesse breve inventário dos encontros e desencontros de Sartre dois capítulos merecem um lugar de destaque, sua amizade com Albert Camus e seu amor à Simone de Beauvoir.

Camus, espécie de Humphrey Bogart da filosofia, sempre foi o galã enquanto Sartre era o “homem feio” (DELEUZE, 2006, p. 94), baixinho e estrábico, mas muito inteligente e que causava comoção aonde chegava com seu discurso cativante e sua filosofia original. Foi Camus o responsável pela primeira resenha do romance de estreia de Sartre, *A náusea* (1938). O amigo enalteceu a obra e ao mesmo tempo levantou a questão sobre a relação entre a expressão ficcional e a reflexão filosófica, essa *vizinhança comunicante*, para utilizar a expressão do mestre em existencialismo no contexto brasileiro, Franklin Leopoldo e Silva, que merece um espaço nessa efeméride. Sartre, por sua vez, também foi muito elogioso quando da publicação de

<sup>3</sup> Muita tinta foi gasta para tratar dessa questão, desnecessário insistir, mas a pá de cal dessa discussão foi a publicação das cartas ao irmão (*Schwarze Hefte* ou os *Cadernos negros*), que confirmam o envolvimento de Martin Heidegger com o nazismo e com o antissemitismo. A recusa deste fato desvela, na maioria dos casos, um desvio de caráter.

*O estrangeiro* (1942). No entanto, a amizade do autor de *O homem revoltado* (1951) não o poupou da espada de Sartre, quando este divergiu do seu estrábico posicionamento político. Pouco importa, nos limites deste breve ensaio, quem tinha razão, o fato é que essa passagem expressa o estilo e o compromisso sartriano. Custe o que custar é preciso escolher, é necessário tomar partido, pois, no estribilho existencialista, não escolher é também uma escolha, mesmo que essa escolha custe sua amizade.

Embora tenha sido objeto de muita controvérsia e inveja, havia algo de perverso na libertadora relação de Sartre e Simone de Beauvoir. De fato, essa performance filosófica que foi a relação do casal compeliu as gerações posteriores a refletirem sobre a forma como nos relacionamos. Algo libertador e belo numa mesma feita. Por outro lado, temos de lembrar que a liberdade não se exerce no vácuo e que nossas escolhas ocorrem sempre em determinada situação histórica. A contingência é uma necessidade na chave existencialista. Desse modo, é inegável que a situação foi sempre muito mais confortável para Sartre do que para Beauvoir. Um exercício imaginativo permite compreender melhor a situação: como seria o cotidiano de um homem que vive uma relação aberta em meados do século XX? E agora, como imaginar a mesma situação na perspectiva de uma mulher? “Não se nasce mulher, torna-se”, para lançar mão da máxima da filósofa, que podemos interpretar como a confirmação do caráter histórico e contingente da existência. Acrescenta a pensadora em *O segundo sexo* (1949): a “mulher é, como o homem, um ser humano. Mas tal afirmação é abstrata; o fato é que todo ser humano concreto sempre se situa de um modo singular” (BEAUVOIR, 1970, Vol. I, p. 8). A singularidade da existência atesta que a situação é condição necessária à constituição da identidade. Viver a liberdade sexual idealizada pela filosofia existencialista não equivale para homens e mulheres. Havia algo de perverso na libertadora relação entre Sartre e Beauvoir e a pensadora sabia disso.

Sartre dizia, com orgulho, que a relação entre ele e Beauvoir era necessária enquanto os demais encontros seriam contingentes. Nesse espírito, o casal confidenciava, em detalhes, seus amores não-necessários. O destino quis, entretanto, que Nelson Algren fosse a pedra no sapato do existencialismo viril, pois o amante americano de Beauvoir é a prova de que as coisas não ocorreram exatamente como narrava Sartre<sup>4</sup>. Apenas em suas cartas à Nelson Algren a filósofa confidenciaria que este teria sido o único relacionamento a abalar seu compromisso com Sartre. Por fim, se houve alguma perversão, ela encontraria uma resposta à altura em *A cerimônia do adeus* (1981), livro publicado logo após a morte de Sartre, e que narra os dez últimos anos de vida do filósofo. Debilitado, incapaz de ler e profundamente dependente, essa foi a condição de Jean-Paul Sartre nos últimos dez anos de sua vida, do filósofo que não teve medo dos seus adversários e detratores ao homem frágil e submisso. Assim inicia o belíssimo e perturbador relato de Beauvoir: “Eis aqui meu primeiro livro – o único certamente – que você não leu antes que o imprimissem. Embora todo dedicado a você, ele já não lhe concerne” (BEAUVOIR, 1990, p. 11).

## Esboço para o improvável epitáfio de *O ser e o nada*

Por oitenta anos, lamentavelmente, somos incapazes de esquecer de *O ser e o nada*. A obra incomoda, pois lembra que não fomos capazes de superar o genocídio do ser humano pelo próprio ser humano. O alerta sartriano continua atual e nossa situação histórica parece demonstrar a improbabilidade dessa superação. E é preciso lamentar a presença dessa ausência de Sartre, pois ela é a representação concreta do fracasso histórico do projeto humanista,

<sup>4</sup> (Cf. BEAUVOIR; ALGREN, 2000).

porque nossa história assevera que o ser humano foi um esboço que não deu certo. Celebrar essa obra significa, numa mesma feita, reconhecer sua grandiosidade e assumir nossa responsabilidade histórica.

Não por acaso, Deleuze termina sua homenagem ao mestre existencialista se reportando “ao amigo Pierre-que-nunca-está-presente” (DELEUZE, 2006, p. 95). Imaginar a ausência de Sartre é muito mais perturbador do que perceber sua falta. Essa afirmação reivindica uma melhor explicitação, mas vale lembrar também que aquilo que é explícito, muitas vezes, nos rouba a oportunidade de ruminar a seu respeito. A notícia é sempre mais pobre que a narrativa, porque costuma vir acompanhada de uma bula explicativa. É por isso que a literatura atinge instâncias do real que a filosofia isoladamente seria incapaz sequer de se aproximar.

Para Sartre, o que define a imagem é justamente seu caráter irreal, imaginar é negar o real e liberar a consciência das determinações da percepção. Se o ser humano é capaz de transcender a realidade imediata, é porque é livre para fazê-lo (LEOPOLDO E SILVA, 2004, p. 100). A liberdade e a capacidade de transcendência, nessa chave interpretativa, dependem, em alguma medida, da nossa capacidade de imaginar “mundos no mundo”. Imaginar a ausência de Sartre é muito mais perturbador do que perceber sua falta, porque nos lembra que aparentemente não somos mais capazes de “arriscar o impossível”. Qual o sonho, hoje, capaz de engajar nossa existência? Ainda conseguimos imaginar um outro mundo no horizonte de possibilidades?

Para encerrar, é justo elencar alguns dos legados que essa obra imensa nos deixou. E o primeiro deles, ao menos na clave de leitura aqui proposta, é a possibilidade de imaginar o impossível, em outras palavras: a liberdade nos faz acreditar novamente no ser humano e vislumbrar uma sociedade minimamente livre. Porque, para Sartre, somos livres para nos libertarmos. Daí o otimismo que o autor reclama em sua conferência *O existencialismo é um humanismo* (1946), otimismo porque Sartre, naquela ocasião, ainda era capaz de acreditar no ser humano. E aquilo que é capaz de promover essa libertação passa necessariamente pela nossa capacidade de imaginar. Assim, um dos legados de *O ser e o nada* é justamente as narrativas que perpassam todo o livro e configuram a insurgência da *expressão ficcional* no seio mesmo desse *tratado de filosofia*, o que faz do livro um grande *ensaio filosófico*. O gênero ensaístico é uma necessidade (Cf. RODRIGUES, 2023), pois atesta a insuficiência da razão abstrata em dar conta da realidade singular. É nesse sentido que Camus, ao resenhar *A náusea* de Sartre, nos alerta que a literatura, quando acompanhada de uma etiqueta (bula explicativa) é sempre má literatura (CAMUS, 2018, p. 119), isto é, instrumentalizar a criação ficcional para defender uma filosofia ou um ideal, representa sempre uma traição com a própria literatura. E o *Ensaio de ontologia fenomenológica* é prova disso, pois ultrapassa os limites da expressão meramente analítica.

Deleuze traduz da seguinte maneira o impacto desse legado de *O ser e o nada* para a expressão filosófica:

E cada vez, a essência e o exemplo entravam em relações complexas que davam um estilo novo à filosofia. O garçom do café, a moça apaixonada, o homem feio e, principalmente, meu amigo-Pierre-que-nunca-estava-presente, formavam verdadeiros romances na obra filosófica e percutiam as essências ao ritmo de seus exemplos existenciais. Por toda parte brilhava uma sintaxe violenta, feita de rachaduras e de estiramentos, lembrando as duas obsessões sartreanas: os lagos de não-ser, as viscosidades da matéria (DELEUZE, 2006, p. 95).

Esses “verdadeiros romances” denunciam a insuficiência da filosofia em abarcar as existências concretas e historicamente situadas, mas, como disse Beauvoir, citada anteriormente, a filosofia “é abstrata; o fato é que todo ser humano concreto sempre se situa de um modo sin-

gular” (BEAUVOIR, 1970, Vol. I, p. 8). *O ser e o nada* prova que é preciso mobilizar as duas modalidades expressivas a fim de compreender o real.

No entanto, a herança do livro vai muito além da questão formal. Ainda na senda da homenagem deleuziana, na tensão e no paradoxo do Ser e do não-ser, da consciência e da História, da subjetividade e da objetividade, Sartre nos joga na cara a teoria da má-fé, e novamente reivindica responsabilidade. Aquele que se autodeclara honesto, muitas vezes faz isso justamente por não o ser. Ou ainda, aquele que se lança na impossibilidade de se reconhecer como tal, faz isso porque não quer se assumir como responsável.

Noutro momento, antecipando seus detratores, Sartre demonstra que nos constituímos no mundo, mas sempre no encontro concreto com o outro, mediado pelo olhar do outro, esse inferno. Converto-me em objeto, mas reduzo o outro a condição de coisa também. Essa troca masoquista, permite que me reconheça afirmando minha permanência, mas negando minha liberdade fundamental. O ser humano deseja ser Deus, mas o simples olhar do outro o reduz à condição de coisa esquecida no fundo da gaveta.

Impossível não mencionar aquela que talvez seja sua teoria mais influente, embora por vezes muito mal interpretada, a teoria da liberdade. Como afirmamos insistentemente, os seres humanos se constroem através das suas escolhas, mas sempre no limite da situação histórica. Numa frase de reverberações marxistas, Sartre sintetiza essa ideia: o ser humano é livre para fazer a história que o faz<sup>5</sup>. Para Sartre, importa menos “o que foi feito da vida”, e muito mais aquilo que fazemos dela.

Por fim, algo que apenas será plenamente desenvolvido em sua última grande obra, *O idiota da família*, já se encontrava embrionariamente exposto em *O ser e o nada*, isto é, sua psicanálise existencial. Como compreender que uma figura como Flaubert, destinada a ser um burguês medíocre, converte-se no maior escritor de língua francesa? Ou então, o que fez de Jean Genet, condenado a ser um marginal, o incomparável dramaturgo? “A psicanálise existencial [é] onde se podia reencontrar as escolhas de base de um indivíduo no centro da vida concreta”, sintetiza Deleuze. Mas Sartre dá uma formulação talvez insuperável em seu livro *Crítica da razão dialética*, pois nesse registro Flaubert e Genet são a prova da “irreducibilidade da consciência às determinações da matéria” (SARTRE, 1978, p. 178)<sup>6</sup>. Eis aqui uma tradução possível para o famigerado conceito de liberdade em Sartre.

Se a hipótese que abre este ensaio se justifica, então *O ser e o nada* só deixará de atingir nossas vidraças quando superarmos essa situação limite que é a iminência do autoextermínio da espécie. Provavelmente nos mataremos antes que o ar puro de Jean-Paul Sartre se dissipe, lamentavelmente.

## Referências

BEAUVOIR, Simone. *A cerimônia de adeus, seguido de Entrevistas com Jean-Paul Sartre, Agosto/Setembro 1974*. Tradução de Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo*. Vol. 1: Fatos e Mitos. 4. ed. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

<sup>5</sup> Essa ideia está presente no ensaio *Questão de Método*, da seguinte forma: “Os homens fazem, eles próprios, sua história, mas num meio dado que os condiciona” (SARTRE, 1978, p. 149).

<sup>6</sup> Sartre, em *Critique de la Raison Dialectique*, (1978, p. 115): “O que chamamos liberdade é a irreducibilidade da ordem cultural à ordem natural”.

- BEUVOIR, Simone de.; ALGREN, Nelson. *Cartas a Nelson Algren: um amor transatlântico 1947-1964*. Tradução de Márcia N. Teixeira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- CAMUS, Albert. A náusea, de Jean-Paul Sartre. In: *A inteligência e o cadafalso*. 4. ed. Tradução de Manuel da Costa Pinto e Cristina Murachco. Rio de Janeiro: Editora Record, 2018.
- COHEN-SOLAL, Annie. *Sartre: 1905-1980*. Tradução de Milton Persson. São Paulo: LP&M, 1986.
- CORTÁZAR, Júlio. *O jogo da amarelinha*. Tradução de Eric Nepomuceno. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- DELEUZE, Gilles. "Ele foi meu mestre". In: *A Ilha Deserta e outros textos*. Tradução de Francisca Maria Cabrera. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- DREYFUS, Hubert L.; WRATHALL, Mark A. (Orgs.). *Fenomenologia e Existencialismo*. Tradução de Cecília Camargo Bartalotti e Luciana Pudenzi. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- FOUCAULT, Michel. L'homme est-il mort? In: *Dits et écrits I*. Paris: Gallimard, 1994.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2014.
- LEOPOLDO E SILVA, Franklin. *Ética e literatura em Sartre: ensaios introdutórios*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- PERDIGÃO, Paulo. *Existência e liberdade: introdução à filosofia de Sartre*. Porto Alegre: L&PM., 1995.
- RODRIGUES, Thiago. *A necessidade do ensaio: o ensaio como experiência filosófica*. Jundiaí: Editora Fibra; Edições Brasil, 2023.
- ROWLEY, Hazel. *Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre: Tête-à-Tête*. Tradução de Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.
- SARTRE, Jean-Paul. *A náusea*. Tradução de Antônio Coimbra Martins. Lisboa: Publicações Europa-América, 1963.
- SARTRE, Jean-Paul. *A transcendência do Ego*. Seguido de *Consciência de Si e Conhecimento de Si*. Tradução e Introdução de Pedro M. S. Alves. Lisboa: Edições Colibri, 1994.
- SARTRE, Jean-Paul. *Crítica da razão dialética: precedido por Questões de método*. Tradução de Guilherme João de Freitas. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- SARTRE, Jean-Paul. *Entre quatro paredes*. Tradução de Alcione Araújo e Pedro Hussak. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- SARTRE, Jean-Paul. Itinerário de um pensamento. In: SADER, Emir (Org.). *Vozes do Século: Entrevistas da New Left Review*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- SARTRE, Jean-Paul. *La Nausée*. Paris: Gallimard, 2007.
- SARTRE, Jean-Paul. *La transcendance de l'Ego*. Paris: Vrin, 2003.
- SARTRE, Jean-Paul. *La République du Silence*. Revista Literatura e Sociedade/ Linguagem e Sociedade, v. 6, n. 1, (*Situations III*), 2014.
- SARTRE, Jean-Paul. *L'être et le néant*. Paris: Gallimard, 2013.
- SARTRE, Jean-Paul. *L'Idiot de la Famille*. Vols.1, 2 e 3. Paris: Gallimard, 1971-1972.



SARTRE, Jean-Paul. *L'Imaginaire*. Paris: Gallimard, 2005.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Tradução de Bento Prado Jr. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Col. Os Pensadores).

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada*. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 1997.

SARTRE, Jean-Paul. *Questão de método*. Tradução de Bento Prado Jr. Sel. José Américo Motta Pessanha. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Col. Os Pensadores).

---

#### Sobre o autor:

##### **Thiago Rodrigues**

Realizou pesquisa de Pós-doutorado (2020-2022) pela Universidade de São Paulo (USP) sob a supervisão do professor Franklin Leopoldo e Silva. Doutor e Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), em 2018 e 2012, respectivamente. Especialista em Filosofia Contemporânea e História pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP, 2010). Licenciatura Plena em Filosofia pelo Centro Universitário Assunção (UNIFAI, 2008). Professor e coordenador dos cursos de pós-graduação *Lato Sensu* em "Filosofia Contemporânea", "História e Pensamento Medieval", "Pensamento Político Contemporâneo" (UNIFAI). Professor dos cursos de graduação em Filosofia, Pedagogia e História (UNIFAI). Autor dos livros *Fenomenologia crítica, filosofia e literatura: uma incursão nos primeiros textos de Sartre* (2014) e *A necessidade do ensaio: o ensaio como experiência filosófica* (2023). Coorganizador da coleção de livros *Desconstruindo o lugar-comum* (desde 2020). Indicado ao Prêmio CAPES de melhor tese em 2019 com o trabalho *Imaginação, Imaginário e Realidade Humana em Sartre*, trabalho no prelo para a publicação com prefácio de Franklin Leopoldo e Silva. Principais temas de pesquisa: ética e literatura; filosofias da existência; criação, imaginação e imaginário; filosofia e literatura; história e subjetividade. Atualmente realiza pesquisa de Pós-Doutorado pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

Recebido: 09/05/2023  
Aprovado: 28/07/2023

Received in: 09/05/2023  
Approved in: 28/07/2023